

## Notas sobre o problema da “representância” em Paul Ricoeur

Felipe Ziotti Narita\*

### Resumo

Este trabalho pretende ensaiar alguns comentários, a partir da leitura das obras de Paul Ricoeur, sobre o aparecimento da “representância” (*représentance*) como conceito para a reflexão epistemológica da escrita da história. Trata-se, pois, de uma questão que, levantada desde os anos 1980 com *Tempo e narrativa*, é retomada e aprofundada em *A memória, a história, o esquecimento* (obra originalmente publicada na França em 2000), delimitando a fundamentação teórica que Ricoeur pretendia conferir ao modo peculiar de referência ao passado elaborado pela atividade historiadora por meio da chamada “operação historiográfica” – situando, assim, o problema da temporalidade do conhecimento histórico no relacionamento com um passado que só pode ser conhecido nos próprios limites impostos pela significância atribuída aos “rastros” (*traces*) deixados.

**Palavras-chave:** Teoria da História. Epistemologia. Paul Ricoeur. Representância.

### *Notes on the problem of “standing for” (représentance) in Paul Ricoeur*

#### Abstract

This paper intends to analyze, according to the works of Paul Ricoeur, the emergence of the “standing for” (*représentance*) as a concept concerning the epistemological reflection of the writing of history. That is a question presented in the 1980s by *Time and Narrative* and resumed in *Memory, history, forgetting* (originally published in France in 2000), as a way to outline the theoretical framework by which Ricoeur sought to point out the peculiar historical referentiality to the past provided by the historiographical operation – question that lies the problem of the temporality of historical knowledge in relation to a past that is only known in the limits imposed by the significance delegated to “traces” (*traces*).

**Key words:** Theory of History. Epistemology. Paul Ricoeur. Standing for.

---

\* FELIPE ZIOTTI NARITA é Mestrando em História na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – campus de Franca. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

*Ita ne praeterita quidem ea, quorum nulla signa, tanquam vestigia, exstarent, Apollini nota esse censebat: quo minus futura. Causis enim efficientibus quamque rem cognitis, posse denique sciri, quid futurum esset.*  
Cícero, *De fato*, XIV.

Discutir certos conceitos de uma obra tão abrangente – tanto em volume quanto na variedade dos problemas abordados – como a de Ricoeur certamente coloca qualquer pretensão de comentário em face de um trabalho bastante exaustivo. O próprio desenvolvimento das temáticas do autor de *Tempo e Narrativa*, ao passo que se apresenta com certo grau de sistematização, confere ao pensamento do filósofo francês uma densidade muito característica, desenhando a posição de diálogo de Ricoeur com as principais vertentes do pensamento ocidental por meio da apresentação de argumentos que a todo instante retomam e aprofundam pontos distribuídos por sua vasta obra. Como pode sugerir qualquer olhada rápida pelo esquemático *Le vocabulaire de Paul Ricoeur* (2009) – escrito por Olivier Abel e Jérôme Porée –, um termo como “reconhecimento” (*reconnaissance*), por exemplo, descreve uma trajetória razoável, que liga *Philosophie de la volonté 2* (obra dos anos 1960) ao *Parcours de la reconnaissance* (publicado em 2004), passando por *Soi-même comme un autre* (1990), *La mémoire, l’histoire, l’oubli* (2000) etc.

Não é pretensão deste texto, portanto, garimpar esse sem-número de escritos para mapear os momentos de formulação de certos conceitos que podem ser encontrados de forma diluída em várias passagens das obras de Ricoeur. A questão colocada nos limites deste pequeno trabalho segue certamente um caminho bem menos pretensioso: trata-se, *grosso modo*, de

tentar pensar como Ricoeur estrutura uma abordagem propriamente epistemológica do conhecimento histórico a partir da referencialidade da historiografia ao passado – ou, para falar nos termos mais caros a Ricoeur, este texto pretende ensaiar alguns comentários sobre o próprio aparecimento da “representância” (*représentance*) como problema colocado a toda tentativa de conhecimento dirigida a um passado que não se confunde com aquele da própria experiência sensível do vivido e, de algum modo, passível de ser tomada como lembrança – trata-se, antes, do passado elaborado pela escrita da história, que busca pensar, a partir de um conhecimento construído sobre os rastros (*traces*), o problema da referência historiadora ao passado.<sup>1</sup> A temática, inclusive, permite um recorte razoavelmente preciso da altura em que aparece na discussão teórica de Ricoeur: pensada como problema a partir da

<sup>1</sup> Difícil encontrar na língua portuguesa uma tradução precisa para o sentido que Ricoeur confere ao vocábulo “*trace*” do francês. Não se trata somente do traço que o tempo decorrido imprime nas coisas presentes como marca da precariedade com que a compreensão do passado deve lidar. Na discussão filosófica e epistemológica de Ricoeur, o vocábulo é empregado no sentido de um vestígio cuja *possibilidade de ser seguido* coloca-o sob uma dupla condição: como signo, ao significar o que passou; e como efeito, ao permitir constatar por causalidade as razões daquilo que ocorreu – por isso, Ricoeur (1991b, p. 218-219) refere-se ao “rastro” como efeito-signo de sua própria causa. Neste trabalho, portanto, seguindo também a tradução brasileira de “A memória, a história, o esquecimento” (2007) e as observações já feitas por Fernando Nicolazzi (2003), o termo “*trace*” será traduzido por “rastro”.

trilogia *Tempo e Narrativa* – especificamente no terceiro tomo, publicado em 1985 –, a “representância” é novamente desenvolvida em *A memória, a história, o esquecimento* (2000), quando o conceito é trabalhado justamente após a última das três etapas da chamada “operação historiográfica”.

Como se sabe, essa estrutura tripartite sinaliza, segundo o raciocínio do autor, as próprias operações epistemológicas que sustentariam a distinção entre história, memória e ficção: operações que assegurariam a pertença da história a um campo próprio de estudos, demarcado por três grandes momentos: uma “fase documentária” (*phase documentaire*), uma “fase explicativa/compreensiva” e uma “fase representativa” (*phase représentative*). Antes de um traçado linear ou mesmo progressivo da constituição de um trabalho de história, as fases de Ricoeur a todo instante se entrecruzam como *fundamentos epistemológicos* do conhecimento histórico, procurando desdobrar os significados da referência historiadora ao passado – questão que já na “fase documentária” anuncia o caminho a ser percorrido até o problema da “representância”. O recurso aos documentos é o processo de *seleção* do material tomado como documentação para a pesquisa histórica: seguindo, nesse sentido, a tônica da historiografia do século XX ao enfatizar que o documento só se faz documento a partir do questionamento do historiador (RICOEUR, 2001, p. 30), Ricoeur procura uma espécie de “subjetividade implicada” (*subjectivité impliquée*) no recurso aos arquivos: o processo de escolha da documentação implica o estabelecimento da ideia de “prova documentária” (*preuve documentaire*), indicando que a especificidade do documento – seguido como um rastro

(*trace*) deixado pelo tempo – consiste no fato de que a asserção de realidade aplicada ao passado é indissociável da autodesignação do sujeito que ali se manifesta como “prova documentária”: a autodesignação é, pois, uma “situação dialogal” (*situation dialogale*) por meio da qual o testemunho inscrito no documento atesta perante alguém “a realidade de uma cena à qual ele diz ter assistido, eventualmente como ator ou vítima”, de modo que a certificação do testemunho só pode ser completa pela aceitação daquele que o lê – que, além de certifiá-lo, nele acredita (RICOEUR, 2000, p. 205).<sup>2</sup>

Essa dimensão testemunhal do documento será retomada um pouco adiante, de modo que o que interessa reter, por ora, é que a dita “subjetividade implicada” no percurso epistemológico de Ricoeur indica que, ao selecionar a documentação, a narrativa constituída apresenta somente o que é julgado importante (Ricoeur fala de um *jugement d'importance*) para o enredo traçado, cabendo assim ao historiador a própria escolha da racionalidade que será imputada à história (RICOEUR, 2001, p. 33). Racionalidade, a bem da verdade, fundamentada nos rastros que a documentação permite seguir, de modo que a ambiciosa aproximação feita por Ricoeur entre explicação e compreensão (o que, como já dito, seria a segunda etapa da “operação historiográfica”) deve elaborar uma intriga inteligível ao

<sup>2</sup> “C’est devant quelqu’un que le témoin atteste de la réalité d’une scène à laquelle il dit avoir assisté, éventuellement comme acteur ou comme victime, mais, dans le moment du témoignage, en position de tiers à l’égard de tous les protagonistes de l’action. Cette structure dialogale du témoignage en fait immédiatement ressortir la dimension fiduciaire: le témoin demande à être cru. Il ne se borne pas à dire: ‘J’y étais’, il ajoute: ‘Croyez-moi’” (RICOEUR, 2000, p. 205).

situar, necessariamente, a narrativa de história em função do referencial documental que pretende significar o passado. Essa “abertura” do texto de história a um referencial extralinguístico é justamente o ponto que perpassa toda a indagação de Ricoeur sobre a referência historiadora ao passado, suscitando assim o argumento da “representância”. Compreender como esse ato configurante de elaboração da narrativa se articula com as possibilidades – e sobretudo com os *limites* – da representação do passado pretendida pela historiografia, pois, deve ser a próxima etapa de nossa exposição: o que implica um comentário mais detido na terceira fase da mesma “operação historiográfica”, intitulada de “representação historiadora” (*représentation historienne*) – afinal, a questão da “representância” é pensada justamente no interior da problemática da representação no campo do conhecimento histórico.

O próprio emprego do termo *representação* sugere a entrada em um terreno pantanoso – sobretudo na historiografia, que comumente recorre a uma utilização indiscriminada do conceito. Certamente, este não é o caso de Ricoeur: a “representação historiadora”, aqui, liga-se a um duplo predicado, a um só tempo escriturário (*scripturaire*) e aporético, de modo que a representação – nos termos da operação epistemológica da escrita da história – trata “da exposição, do ato de mostrar, da exibição da intenção historiadora tomada na unidade de suas fases, a saber: a representação presente das coisas ausentes do passado” (RICOEUR, 2000, p. 171, tradução nossa).<sup>3</sup> Não é o caso, em Ricoeur, da

<sup>3</sup> “[...] de l'exposition, de la monstration, de l'exhibition de l'intention historienne prise dans

retomada integral do conceito Antigo de representação – vinculado sobretudo à herança grega do “fazer presente algo ausente” – mas, sim, de procurar pensar de que modo a aporia clássica da presença do ausente,<sup>4</sup> pensada a princípio no âmbito mnemônico, pode ser problematizada na pretensão escriturária de apresentação icônica do passado elaborada pela historiografia. Afinal, como sugere o autor,

Lembramos que Aristóteles, em sua teoria da memória, distingue a lembrança (*mneme*) da imagem em geral (*eikon*) pela marca do anteriormente (*proteron*). Pode-se perguntar, então, o que advém da dialética de presença e de ausência constitutiva do ícone quando aplicada em regime de história a essa condição de anterioridade do passado em relação à narrativa que se faz dele (RICOEUR, 2007, p. 294).<sup>5</sup>

l'unité de ses phases, à savoir la représentation présente des choses absentes du passé” (RICOEUR, 2000, p. 171). Neste trabalho, todas as citações diretas em idiomas estrangeiros presentes no corpo do texto são ali mesmo traduzidas, de modo que os trechos originais permanecem no rodapé.

<sup>4</sup> Logo nas primeiras páginas de “História/Epistemologia”, seção de “A memória, a história, o esquecimento” especialmente dedicada à epistemologia do conhecimento histórico, Ricoeur (2000, p. 168) enfatiza a constante retomada da aporia clássica da memória justamente “no centro do conhecimento histórico” (*au coeur de la connaissance historique*), “sous son double aspect cognitif et pragmatique, principalement l'aporie de la représentation d'une chose absente advenue auparavant”.

<sup>5</sup> “On se rappelle qu'Aristote, dans sa théorie de la mémoire, distingue le souvenir (*mneme*) de l'image en général (*eikon*) par la marque de l'auparavant (*proteron*). On peut alors se demander ce qu'il advient de la dialectique de présence et d'absence constitutive de l'icône lorsqu'elle est appliquée en régime d'histoire à cette condition d'antériorité du passé par rapport

Ao aprofundar o mesmo argumento, Ricoeur (2000, p. 367, tradução nossa) sublinha que

Pode-se dizer o seguinte: a representação historiadora é de fato uma imagem presente de uma coisa ausente; mas a própria coisa ausente desdobra-se em desaparecimento e existência no passado. As coisas passadas são abolidas, mas ninguém pode fazer com que não tenham sido.<sup>6</sup>

A derivação dessa aporia da representação à atividade historiográfica levada a cabo pela “representação historiadora” traz à tona os próprios limites dos usos daquele conceito quando traduzido para a elaboração do conhecimento histórico: em conferência originalmente proferida em inglês na Universidade Central Europeia de Budapeste em março de 2003, Ricoeur (2003, tradução nossa) revisitava o mesmo problema, embora retomando-o sob a tentativa de desdobrar a própria possibilidade de reconhecimento (*recognition*) que, em contraste com a história, a capacidade da experiência aberta pela memória suscita; afinal,

Nenhuma outra experiência fornece a esse grau a certeza da presença real da ausência do passado. Apesar de não ser mais, o passado é *reconhecido* como tendo sido. É possível, por certo, colocar em dúvida tal pretensão, mas nós não temos nada melhor que o reconhecimento para nos fazer crer que alguma coisa aconteceu antes de nos lembrarmos e de narrarmos

au récit qui en est fait” (RICOEUR, 2000, p. 366-367).

<sup>6</sup> “On peut dire ceci: la représentation historique est bien une image présente d’une chose absente; mais la chose absente se dédouble elle-même en disparition et existence au passé. Les choses passées sont abolies, mais nul ne peut faire qu’elles n’aient été” (RICOEUR, 2000, p. 367).

isso. Tal é o enigma e sua frágil resolução, que a memória transmite para a história, mas que ela igualmente transmite à reapropriação do passado histórico pela memória, já que o reconhecimento permanece um privilégio da memória – privilégio do qual a história é desprovida (...) A história pode, na melhor das hipóteses, fornecer construções que se pretendem reconstruções. Mas entre reconstruções – por mais precisas e próximas dos fatos que elas possam ser – e reconhecimento, existe um fosso lógico e fenomenológico.<sup>7</sup>

A representação presente do ausente *na memória*, como defende Ricoeur, jamais se restringiu a ser pensada no jogo entre presença e ausência: tratava-se também, desde Platão e Aristóteles, de examinar as possibilidades da fidelidade (*faithfull*) dos atos de “recuperação” (*recovery*) e de “rememoração” (*recollection*) – alimentados pela *anamnesis* grega – da experiência do reconhecimento. Nesse sentido, ao passo que o “pequeno milagre do reconhecimento” (RICOEUR, 2000, p. 556) permite que o autor arrisque, *no âmbito de sua fenomenologia da*

<sup>7</sup> “No other experience gives to that degree the certitude of the actual presence of the absence of the past. Though no longer there, the past is recognised as having been. Of course, such truth claim may be challenged, but we have nothing better than recognition to make us believe and assert that something happened before we remember and tell it. Such is both the enigma and its fragile resolution, that memory transmits to history, but it transmits also to the reappropriation of the historical past through memory because recognition remains a privilege of memory, that is missing in history [...] History may, to the best, provide constructions claiming to be reconstructions. But between reconstructions, as accurate and close to the facts as they may be, and recognition, a logical and phenomenological gap remains” (RICOEUR, 2003).

*memória*, uma resposta para o problema da presença-ausência-reaparição sob o signo do reconhecimento mnemônico do passado apreendido sensivelmente,<sup>8</sup> a operação historiográfica delimitada por Ricoeur engaja-se antes na pretensão de *conhecimento* sem necessariamente a faculdade do *reconhecimento* suscitada pela experiência da memória (ABEL; PORÉE, 2009, p. 112). A elaboração historiadora, pois, constrói uma imagem do passado sob o signo de sua própria ausência por meio da visada de algo que, embora “não sendo mais” (*no longer being there*), paradoxalmente se fundamenta na possibilidade de “ter sido” (*having been*) para poder ser narrado. Afinal, conforme o raciocínio de Ricoeur (2000, p. 367, tradução nossa), se o ato da escrita – que atravessa a operação historiográfica do começo ao fim (*l’histoire est de bout en bout écriture*) – pretende de algum modo construir uma imagem presente tomando como referencial aquilo que já “não é mais”,

<sup>8</sup> O reconhecimento mnemônico, nesse sentido, ensaia os primeiros passos da possibilidade do “reconhecimento de si” como atestação de que “l’on est bien le sujet de ses expériences” (ABEL; PORÉE, 2009, p. 108). A longa temática do “reconhecimento de si”, contudo, já foge – e muito – das pretensões deste trabalho, de modo que, nesta sucinta exposição da diferenciação proposta por Ricoeur entre memória e história – feita sob o problema da *representação* na escrita da história –, convém notar que o reconhecimento “[...] consiste dans l’exacte superposition de l’image présente à l’esprit et de la trace psychique, également appelée image, laissée par l’impression première [...] Ce petit miracle aux multiples facetes propose la solution en acte de l’énigme première que constitue la représentation présente d’une chose passée. À cet égard, la reconnaissance est l’acte mnémorique par excellence. Sans cette résolution effective, l’énigme resterait une aporie pure et simple” (RICOEUR, 2000, p. 556-557).

Não é inaceitável sugerir que o “ter sido” constitui o último referente visado através do “não ser mais”. A ausência seria, assim, desdobrada entre a ausência como visada pela imagem presente e a ausência das coisas passadas como decorridas em relação ao seu “ter sido”. É nesse sentido que o anteriormente significaria a realidade, mas a realidade no passado.<sup>9</sup>

Como seria possível, portanto, conhecer esse passado que se situa, a um só tempo, no jogo entre o “ter sido” (*avoir été*) e o “não ser mais” (*n’être plus*)? A cantada condição de anterioridade do passado em relação à narrativa que dele é feita é o ponto fundamental da discussão. Ricoeur, nesse sentido, tenta se equilibrar na distinção entre o passado decorrido (o próprio tempo das *res gestae*) e a narrativa produzida sobre as coisas passadas (*historia rerum gestarum*), efetuando, contudo, um deslocamento central para pensar as possibilidades de acesso àquele passado sob o que, certa vez, ele mesmo chamou de um “realismo crítico” (RICOEUR, 2000, p. 364): não se trata de uma pretensão de retomada nem de ressurreição do tempo decorrido – a tentativa diz respeito, antes, à própria situação da escrita da história como um conhecimento mediado pela dimensão testemunhal dos rastros indicados pela organização do material passível de ser tomado como documento.<sup>10</sup> Ao avaliar

<sup>9</sup> “Il n’est pas inacceptable de suggérer que ‘l’avoir été’ constitue l’ultime référent visé à travers le ‘n’être plus’. L’absence serait ainsi dédoublée entre l’absence comme visée par l’image présente et l’absence des choses passées en tant que révolues par rapport à leur ‘avoir été’. C’est en ce sens que l’auparavant signifierait la réalité, mais la réalité au passé” (RICOEUR, 2000, p. 367).

<sup>10</sup> O problema dos “rastros” é abordado apenas no que diz respeito aos “rastros” instituídos socialmente na organização dos arquivos – aspecto diretamente relacionado à operação

justamente algumas implicações desse conhecimento do passado mediado pelo testemunho que o relata, Theo Hettema (2003, p. 184, tradução nossa) destaca que “parece claro que a ideia de representação perdeu qualquer conotação de fatos primários, diretamente acessíveis”.<sup>11</sup> A assertiva tangencia duas dimensões da perspectiva de Ricoeur (1991a, p. 175): se, por um lado, desde o primeiro tomo de *Tempo e Narrativa* – em 1983 –, o ponto de partida da abordagem epistemológica em história é o reconhecimento (a partir das leituras do Aron de final dos anos 1930, da obra de Marrou e das propostas dos *Annales*) da impossibilidade de o conhecimento histórico atestar o “fato absoluto”, já que a compreensão não pode ser uma intuição direta, mas uma construção permeada pela pretensão de reconstrução; por outro lado, a posição destacada por Hettema implica que o rastro deixado, portanto, seja justamente aquele que se interpõe entre as *res gestae* e a *historia rerum gestarum*, vinculando a construção narrativa das coisas passadas àquilo que o rastro testemunhal permite apenas entrever do tempo que já “não é mais” – fazendo, assim, as vezes de um substituto que Hettema, escrevendo originalmente em inglês, chama de “representação por substituição” (*representation by replacement*), já que se trata da função

historiográfica. Ricoeur (2000, p. 554) procura justamente diferenciar esta dimensão epistemológica daquela suscitada pela análise dos “rastros mnemônicos” das impressões deixadas pelo passado tomado como dimensão da experiência: a chamada “experiência *princeps*” (*expérience princeps*), que – segundo o raciocínio do filósofo francês (RICOEUR, 2000, p. 556-557) – abre as portas para o percurso do reconhecimento.

<sup>11</sup> “[...] it may be clear that the idea of representation has lost any connotation of primary, directly accessible facts” (HETTEMA, 2003, p. 184).

de “lugar-tenência” (*lieutenance*) que os rastros assumem em relação ao passado decorrido. A abordagem de Ricoeur, a essa altura, já escancara o problema da referencialidade ao passado – momento que a “representação historiadora”, problematizando o emprego da aporia clássica da representação na escrita da história, descortina como uma quase “situação-limite” intitulada de “representância”: ou, como queria o próprio Ricoeur (2000, p. 369) – sustentando, é bem verdade, uma posição teórico-metodológica nada consensual sobretudo a partir dos anos 1960 e 1970 –, “a maneira menos ruim” (*la moins mauvaise manière*) de conservar um regime de verdade próprio à história.

Procurando demarcar alguns aspectos da “representância”, François Dosse (2001, p. 140, tradução nossa) nota que o conceito, para Ricoeur, enfatiza a

[...] cristalização das expectativas e aporias da intencionalidade historiadora. A representância é a visada do conhecimento histórico colocada sob o rótulo de um pacto em que o historiador oferece como objeto personagens e situações que existiram antes que deles fosse feita uma narrativa. Essa noção se diferencia daquela de representação na medida em que implica um face a face do texto, um referente que Ricoeur qualifica de lugar-tenência do texto histórico. Por meio do conceito de representância, Ricoeur presta tributo às contribuições narrativistas, ao passo que se coloca contra a indistinção epistemológica entre ficção e história, retomando a exigência veritativa do discurso histórico.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> “[...] la cristallisation des attentes et apories de l'intentionnalité historique. La représentance est la visée de la connaissance historique elle-même placée sous le sceau d'un pacte selon

Como antecipa Dosse, no sentido de sustentar a tal “exigência veritativa” do discurso histórico, a “representância” desdobra-se em duas dimensões fundamentais: a primeira, que o polêmico teórico de *A história em migalhas* chama de aporias da intencionalidade historiadora, e uma segunda, que exige uma contrapartida – ou, por assim dizer, uma situação de “face a face” (*vis-à-vis*) da narrativa historiográfica com o discurso sobre o passado apresentado pelos rastros. Duas esferas que, no raciocínio de Ricoeur (2000, p. 359), estão profundamente entrelaçadas. A dita intencionalidade historiadora, designando a expectativa (*attente*) vinculada ao conhecimento histórico de apresentar certas “constructions constituant des reconstructions du cours passé des événements”, sinaliza um duplo movimento: se primeiramente Ricoeur procura situá-la em uma espécie de “pacto de leitura”, associando a narrativa de história ao interesse do leitor em conhecer situações e eventos que anteriormente existiram (*qui ont existé auparavant*), é certo que este esboço do que poderia ser uma teoria da recepção da escrita da história, contudo, não pode satisfazer o fundamento epistemológico conferido à “representância”. Antes de se limitar a essa exigência da recepção da obra de história, Ricoeur pretende argumentar

---

lequel l'historien se donne pour objet des personnages, des situations ayant existé avant qu'il n'en soit fait récit. Cette notion se différencie donc de celle de représentation dans la mesure où elle implique un vis-à-vis du texte, un référent que Ricoeur qualifie de lieutenant du texte historique. Par ce concept de représentation, Ricoeur rend hommage à l'apport narrativiste et en même temps il met en garde contre l'indistinction épistémologique entre fiction et histoire, rappelant l'exigence véridictive du discours historique” (DOSSE, 2001, p. 140).

em que medida a própria operação historiográfica pode satisfazer a expectativa da leitura: o tal “pacto de leitura”, afinal, só adquire sentido a partir da chamada “pulsão referencial” que pretende enfatizar a especificidade da referencialidade que percorre a operação historiográfica.

A composição da narrativa histórica em Ricoeur, ao passo que compartilha com as formas literárias certos mecanismos retóricos tanto para a elaboração da intriga (*mise en intrigue*) quanto para que a história narrada possa ser – além de inteligível – seguida, não encerra no interior do próprio discurso histórico a formação dos objetos aos quais o mesmo se refere. Neste caso, afinal, a narrativa não produz o “efeito de enclausuramento” (*effet de clôture*) que a forma literária pode produzir por meio da resistência a elementos extratextuais. A questão da referencialidade do texto de história situa a construção do conhecimento histórico em um campo escriturário que se fundamenta na tomada de um referencial extralinguístico necessário para posicionar a configuração narrativa no interior da exigência veritativa da escrita da história. O próprio percurso epistemológico sinalizado pela operação historiográfica de Ricoeur (2000, p. 328, tradução nossa), aliás, supõe uma articulação, feita sob a presença da “pulsão referencial”, dos modos da

[...] representação com os da explicação/compreensão e, através destes, com o momento documental e sua matriz de verdade presumida, a saber, o testemunho daqueles que declaram ter se encontrado onde as coisas aconteceram.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Eis o trecho original completo: “Il faut patiemment articuler les modes de la représentation sur ceux de l'explication/compréhension et, à travers ceux-

A temática da “representância” – colocando em termos epistemológicos o problema da referencialidade exigida pela intencionalidade historiadora – implica, pois, que o próprio referencial extralinguístico da narrativa de história adquira a significância e o reconhecimento de ser tomado como um rastro do passado. Rastro significativo, que faz as vezes de um testemunho: em um ensaio dedicado ao que Ricoeur (2006, p. 110) chamou de “hermenêutica do testemunho”, a significância da dimensão testemunhal conferida ao rastro não se faz apenas na relação escrita que liga a operação historiográfica à narração “faite par les témoins oculaires des événements considérés”, mas implica uma forma de relacionamento da atividade historiadora com o passado por meio da seleção de rastros pertinentes, que supõem a formação do documento “forçado a falar” (*forcé à parler*) para que “o historiador vá ao encontro de seu sentido, lançando uma hipótese de trabalho” (RICOEUR, 2001, p. 29-30, tradução nossa).<sup>14</sup> Convertendo o rastro em um “documento significante” (*document signifiant*), o passado é ele mesmo elevado à dignidade de fato histórico (*à la dignité de fait historique*). A “representância” surge, pois, na situação de um conhecimento feito sobre os rastros deixados: como sugere o autor, “o rastro, com efeito, uma vez deixado pelo passado, vale por ele: ele exerce, no que diz respeito ao passado, uma função de lugar-tenência,

---

ci, sur le moment documentaire et sa matrice de vérité présumée, à savoir le témoignage de ceux qui déclarent s’être trouvés là où les choses sont advenues” (RICOEUR, 2000, p. 328).

<sup>14</sup> “[...] l’historien aille à la rencontre de son sens, en lançant vers lui une hypothèse de travail” (RICOEUR, 2001, p. 29-30).

de representância” (RICOEUR, 1991b, p. 254, tradução nossa).<sup>15</sup>

Em Ricoeur, o resultado mais ambicioso de toda essa abordagem epistemológica da referência historiadora ao passado – análise que, a bem da verdade, chega às raízes da ontologia – é justamente a ênfase conferida à dimensão existencial da experiência humana com o tempo. A implicação temporal de “ser no mundo” (*d’être-au-monde*) é também uma condição que o rastro, ao significar o passado, suscita sob a categoria da *historicidade* – ou, por assim dizer, da *condição de ser histórico*. O problema do passado, nesse sentido, é que sua própria condição passada (*passéité*) não consiste apenas no fato de ele “não ser mais” – ou de já ser decorrido, ultrapassado (*dépassé*) –, mas na possibilidade da insistência presente do passado como “tendo sido” (BREITLING, 2005, p. 202), como marca da historicidade do mundo sublinear reinscrita e identificada nos rastros. Historicidade testemunhada pela própria possibilidade de interlocução com o que pode ser conhecido do tempo decorrido, de modo que, como nota Jeanne Gagnebin (2008, p. 07, tradução nossa),

Aqui se manifesta com toda intensidade a dupla acepção do adjetivo e do substantivo “passado”: não se trata simplesmente do que passou, decorreu e se perdeu, mas do que resta nesse estado decorrido nas dobras do presente e do futuro [...] Essa permanência do passado (do que foi, como diz o francês; *ist gewesen*, o alemão) não abole a morte dos mortos, mas faz dos

---

<sup>15</sup> “La trace, en effet, en tant qu’elle est laissée par le passé, vaut pour lui: elle exerce à son égard une fonction de lieutenance, de représentation” (RICOEUR, 1991b, p. 254).

vivos seus herdeiros e interlocutores.<sup>16</sup>

À parte a longa problemática ética que Ricoeur desdobra sob a noção de “herança” do passado, a possibilidade de interlocução pretendida pelo filósofo francês supõe o movimento do *vis-à-vis* que, como já adiantado por Dosse, permanece articulado conceitualmente à escrita da história por meio da “representância”. Afinal, como queria Ricoeur (1991b, p. 183, tradução nossa), “daremos o nome de representância (ou de lugar-tenência) às relações entre as construções da história e sua contrapartida, a saber, um passado a um só tempo abolido e preservado nos seus rastros”.<sup>17</sup> A narrativa de história assume, nesse sentido, como uma espécie de contrapartida, a visada de um referente extralinguístico em relação ao qual a intencionalidade historiadora deve, por assim dizer, “corresponder de maneira apropriada” (RICOEUR, 1991b, p. 253-254). Se, na já citada conferência de Budapeste em 2003, Ricoeur insiste na ideia de que, do ponto de vista da escrita da história, o passado permanece como referência última e irreduzível (*ultimate and irreducible reference*) da operação historiográfica, a questão que orienta o problema do rastro como função de “representância” do passado deve ser

<sup>16</sup> “Ici se manifeste avec toute son intensité la double acception de l’adjectif et du substantif ‘passé’: il ne s’agit pas simplement de ce qui passa, est révolu et s’est éteint, mais aussi et simultanément de ce qui demeure en cet état révolu dans les plis du présent et au futur [...] Cette permanence du passé (de ce qui fut, a été, dit le français, *ist gewesen*, dit l’allemand) n’abolit pas la mort des morts mais fait des vivants d’aujourd’hui leurs héritiers et leurs interlocuteurs” (GAGNEBIN, 2008, p. 07).

<sup>17</sup> “Nous donnerons le nom de représentance (ou de lieutenance) aux rapports entre les constructions de l’histoire et leur vis-à-vis, à savoir un passé tout à la fois aboli et préservé dans ses traces” (RICOEUR, 1991b, p. 183).

buscada justamente no significado do rótulo de “real” aplicado ao passado histórico. Ademais, o que podemos dizer quando dizemos que algo realmente aconteceu (*est réellement arrivé*)? (RICOEUR, 1991b, p. 252). O que quer que seja dito sobre o caráter seletivo da coleta e mesmo da conservação dos documentos, além das próprias questões colocadas pelo historiador e de todas as implicações, por assim dizer, “ideológicas” da construção e do “lugar de produção” da própria narrativa,

[...] o recurso aos documentos assinala uma linha divisória entre história e ficção: diferente do romance, as construções do historiador pretendem ser reconstruções do passado. Através do documento e por meio da prova documentária, o historiador fica submetido àquilo que, um dia, foi. (RICOEUR, 1991b, p. 253, tradução nossa)<sup>18</sup>

É justamente tendo em vista a função de “lugar-tenência” exercida pelos rastros que Ricoeur (2000, p. 366) tenta uma releitura da fórmula de Ranke: a tarefa da história não deve ser julgar o passado, mas tentar narrá-lo “tal como efetivamente foi” (*wie es eigentlich gewesen ist*). Não se trata, bem entendido, de um retorno a Ranke: se Ricoeur, desde os anos 1950, já reconhecia a importância das novas abordagens e objetos formulados pela historiografia do século XX (fazendo, inclusive, célebres leituras de *O Mediterrâneo*, de Braudel, e da microhistória italiana), a releitura da

<sup>18</sup> “[...] le recours aux documents signale une ligne de partage entre histoire et fiction: à la différence du roman, les constructions de l’historien visent à être des reconstructions du passé. A travers le document et au moyen de la preuve documentaire, l’historien est soumis à ce qui, un jour, fut” (RICOEUR, 1991b, p. 253).

assertiva de Ranke não se faz propriamente na esfera metodológica, mas no plano de uma tentativa metahistórica ilustrada pela “representância”, que funcionaria justamente como o correlato do “tal como” (*wie*) da fórmula rankeana, no esforço de manter, por meio dos fundamentos epistemológicos levados a cabo pela operação historiográfica, um regime de verdade próprio à escrita da história. Afinal, o que realmente aconteceu (*le réellement passé*) permanece, assim, inseparável do tal como efetivamente ocorreu (“*tel que*” *effectivement passé*).

#### Referências

ABEL, O.; PORÉE, J. **Le vocabulaire de Paul Ricoeur**. Paris: Ellipses, 2009.

BREITLING, A. L'écriture de l'histoire: un acte de sepulture?. In: VILLAVERDE, M.; FERNÁNDEZ, C. B.; HENRIQUES, F. (orgs). **Actas VII Encuentros Internacionales de Filosofía en el Camino de Santiago**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2005. p. 195-208.

DOSSE, F. Le moment Ricoeur de l'opération historiographique. **Vingtième Siècle**, Paris, n. 69, jan. 2001, p. 137-152.

GAGNEBIN, J. -M. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. (Conferência apresentada na Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP). Campinas, 2008. Disponível em:

<<http://www.fondsriceur.fr>>. Acesso em: 23 set. 2010.

HETTEMA, T. In conversation with the Past? Ricoeur, Theology, and the dynamics of History. In: HAERS, J.; DE MEY, P. (orgs.) **Theology and conversation: towards a relational theology**. Leuven: Leuven University Press, 2003. p. 177-188.

NICOLAZZI, F. Uma teoria da história: Paul Ricoeur e a hermenêutica do discurso historiográfico. **História em revista**, Pelotas, v. 09, p. 45-76, 2003.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

\_\_\_\_\_. L'herméneutique du témoignage. In: RICOEUR, P. **Lectures 3: aux frontières de la philosophie**. Paris: Éditions du Seuil, 2006.

\_\_\_\_\_. Memory, history, oblivion. In: **HAUNTED MEMORIES? HISTORY IN EUROPE AFTER AUTHORITARIANISM**, 2003, Budapest. Disponível em: <<http://www.fondsriceur.fr>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

\_\_\_\_\_. Objectivité et subjectivité en histoire. In: RICOEUR, P. **Histoire et Vérité**. Paris: Éditions du Seuil, 2001. p. 27-50.

\_\_\_\_\_. **Temps et récit: l'intrigue et le récit historique**. Paris: Éditions du Seuil, 1991a. T. 1.

\_\_\_\_\_. **Temps et récit: le temps raconté**. Paris: Éditions du Seuil, 1991b. T. 3.